

"anãozinhos", irmanados pelo medo e pela perplexidade. Não vou terminar sem antes dizer-lhes uma coisa: não deixem de atentar para a grande poesia que se contém nos pequenos versos deste poeta de extraordinária grandeza humana. Pois é exatamente isto o que finalmente prevalece na obra de um autor: grandeza humana. É a dimensão que conta no patrimônio literário de qualquer escritor. Quem não possui grandeza como escritor nada poderá oferecer através da literatura, a não ser fórmulas. Mas as fórmulas, como as formas, são simples conquistas do momento histórico. O que significa dizer: cada nova geração as substitui por outras. Horácio Didimo é poeta bem dotado. Tem o que dizer e sabe como dizer. Estou convencido de que ele terá brevemente a atenção que merece, como poeta que sabe realmente se expressar numa das mais puras gradações já atingidas pela poesia lírica em nossa terra.

## A MENSAGEM DE UM POETA MÍSTICO

Pe. F. SADOQ DE ARAÚJO

*A travers Dieu, par Dieu, le mystique aime toute l'humanité d'un divin amour. Coincident son amour avec l'amour qui a tout fait, il livrerait a qui savait l'interroger le secret de la création.*

Bergson

Diante da força do convite do autor, cedi para aceitar a incumbência de fazer a apresentação de *A palavra e a Palavra*, o mais novo livro do poeta Horácio Didimo, recentemente editado pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará.

A Palavra, em maiúscula, é o Verbo de Deus que se fez carne e habitou entre nós. A palavra, em minúscula, é a linguagem humana que se faz poesia e oração para habitar entre os santos.

Horácio Didimo realiza em si a definição de poeta como um ser em relação privilegiada com o sagrado e o transcendente. Seus poemas, com marcada tendência para o concretismo e indisfarçável inclinação para o surrealismo, nascem espontaneamente no limite entre a palavra e o silêncio, região fronteira entre a presença do ser que plenifica a inteligência e o coração, e a sua ausência que matiza de saudade e de mistério os mais íntimos recônditos das emoções humanas.

Horácio Didimo, poeta e místico de muitas qualidades, só poderá ser entendido e saboreado por quem o leia com fina sensibilidade e com alguma vivência de fé.

A poesia pura, no dizer de Henri Brémond, reside essencialmente na plenitude da intuição estética manifestada na imagem lírica e expressa na totalidade da experiência espiritual do homem e se torna a mais próxima vizinha da

contemplação mística e da comunhão com Deus. É bem certo que a mística e a poesia são realidades distintas em si mesmas, dentro de seus respectivos domínios, já que a primeira refere-se especificamente à intuição afetiva ou especulativa do princípio transcendente dos seres como totalidade, enquanto a segunda se relaciona com a intuição criadora da beleza na singularidade dos seres.

Embora distintas entre si, poesia e mística nascem do mesmo centro da alma e se alimentam do mesmo mistério da contemplação. A poesia é a alma interior das artes e a mística é a arte interior das almas. O conhecimento poético natural e o conhecimento místico sobrenatural envolvem o mesmo objeto, mas enquanto o místico se recolhe no silêncio da contemplação interior, o poeta expressa na palavra a beleza de sua subjetividade intuída criativamente no contacto com o mundo sensível. O místico encontra a criação já feita e nela se delicia com a presença sentida do Criador. O poeta cria o poema, obra de sua intuição estética, e participa ativamente da própria criação tornando-a mais bela para o homem.

Ambos se tornam abertos ao Absoluto e se deliciam no reconhecimento desta abertura. A mística é o silêncio aberto à palavra e a poesia é a palavra aberta ao silêncio. Eis por que tanto a poesia quanto a mística se colocam na fronteira entre o silêncio e a palavra. O poeta escuta a palavra das coisas e a profere em forma de poema no silêncio dos homens. O místico escuta a Palavra de Deus e a guarda no silêncio da contemplação. Por isso é que somente o poeta é "capaz de ouvir e de entender estrelas", como Bilac, e somente o santo é capaz de ouvir e de entender a voz de Deus que ressoa no silêncio da "noite escura", de que nos fala São João da Cruz.

O poeta percebe que a palavra humana pode expressar a beleza escondida no silêncio ontológico das coisas e o místico percebe que o silêncio das coisas pode expressar a beleza da Palavra Criadora. Em ambos, há uma busca de plenitude de ser, até atingir as profundidades da abstração metafísica onde o ser é apreendido na nudez e pureza de seus aspectos transcendentais de unidade, de verdade e de beleza. É neste encontro da consciência com a transcendência que se produz a emoção estética em um estado de unificação ou síntese interior. Diante do belo, síntese dos aspectos transcendentais do ser, o homem se arrebatou, se recolhe e se extasia. Esta profunda experiência do belo é tão intensa que não poderá ser reprimida, e o homem sente a incontornável necessidade de expressá-la pela arte.

Na criação artística realiza-se a síntese entre o sujeito e o objeto, a comunhão do eu com o mundo, a harmonia do espírito com a matéria. Diante do belo, o poeta começa a falar e o místico começa a contemplar. Nasce a poesia e brota a oração. E o ser aparece em seu maior esplendor. Na experiência estética, como na mística, verifica-se uma iluminação interior, comum ao objeto e ao sujeito, fazendo com que ambos participem de uma unidade comum. O belo se torna assim, na expressão de Jacques Maritain, o esplendor de todos os transcendentais reunidos.

Se todos os seres são belos no nível da própria perfeição, nem todos contudo aparecem como tais ao olhar desprevenido. É função da arte recriar a linguagem de tal modo que se manifesta a beleza de cada ser na sua singularidade intransferível. Toda arte é linguagem cuja forma fundamental é a palavra. O ser só se realiza plenamente quando é manifestado pela palavra, "a casa do ser" na feliz definição de Martin Heidegger.

O apóstolo João, o evangelista místico, nos revela que "no princípio era a Palavra, e esta se fez carne e habitou entre nós". Cristo, como Palavra proferida pelo Pai no amor do Espírito, é o modelo perfeito da poesia de Deus. Cristo, o místico por excelência, se torna a revelação radical da vivência cristã da poesia, porque por ele tudo foi feito e nele nós vivemos, nos movemos e existimos.

Horácio Dídimo, na sua vivência de fé, descobre a beleza da Palavra guardada no significado de todas as palavras. Em cada um dos 148 pequenos poemas que compõem o livro o autor procura transmitir uma imagem, ou reflexo de uma mensagem, que nos ponha em contacto direto com o significado da Palavra guardado nas dimensões temporais de qualquer experiência humana. Em todos os momentos de nosso viver histórico há um sentido de cunho escatológico. Há algo que fica em tudo que passa. A síntese do livro se acha condensada na "palavra chave" que já não fecha nem abre, na palavra amor que muda de cor, na palavra verde que amadurece e na palavra ave que voa no papel. Tudo é transitório, instável e provisório, exceto a Palavra eterna, e o poeta sente a verdade da premissa: "passará o céu e a terra"- e presente a felicidade da promessa: "minhas palavras porém não passarão".

É nesta tensão entre o tempo e o eterno que se realiza a talentosa vocação poética do autor. Cada poema aparece como resultante de um movimento dialético, em que o tempo, como tese, se exprime na composição dos versos; a eternidade, como antítese, se revela na mensagem bíblica que os envolve; a realidade existencial, como síntese, se condensa no título que sugere e anuncia a experiência estética vivida misticamente pelo poeta. A palavra humana se dissolve no tempo, mas pode se impregnar da Palavra Divina e dar ao homem a certeza de que mesmo passando lhe ficam marcas indeléveis. O preço do tempo é permitir ao homem participar da eternidade de Deus e realizar a vida que vence a morte. Há no mistério do homem um contraste e uma tensão entre o provisório e o permanente, entre a morte e a vida, entre a ação e a oração. Viver é buscar a superação dos contrastes e da alienação do pecado. Ser homem é saber dizer não ao prosaísmo da palavra falsa e saber dizer sim à poesia da verdadeira Palavra.

As três partes em que se divide o livro são como três fases de um mesmo processo em que sempre se passa de uma negação a uma afirmação. O "tempo de chuva" passa mas fertiliza a terra, o "tijolo de barro" é frágil mas constrói a morada permanente, o "passarinho carrancudo" voa em pequeno espaço mas se ilumina de luz azul no céu infinito.

Estas intuições, apreendidas pelo poeta místico na experiência do dia-a-dia e vividas na oração contemplativa, nos são anunciadas em letras, ideogramas e

versos. A forma literária depende da maior ou menor força da mensagem que se transmite. Às vezes o poema é fortemente concretista como em "o muro" que leva o emparedado a tentar a liberdade mostrando violência com o grito do "urro" e com o gesto do "murro", ou em "luz azul" que irradia para um centro comum de todas as luzes onde o Cristo as recebe no foco da redenção de sua cruz, ou em "necessidade" que em suas múltiplas formas nunca é plenamente satisfeita, ou em "as cordas do coração" que só vibram corretamente quando tangidas simultaneamente pelas mãos postas em oração e entregues à fadiga da ação, ou ainda em "tempo forte" que anuncia o diálogo entre Deus e o homem representado nas alegrias que sugere uma árvore de natal. Poemas concretistas são mais paisagens de ver que frases de recitar. Sugestiva também é a idéia de "a fumaça", símbolo do homem que não é senhor de seu sopro de vida e por isso se assemelha a um cigarro que lentamente se consome destruindo-se em "cinza" e transformando-se em "sarro".

O drama da existência é tema central na poesia de Horácio Didimo. Cada dia que passa é "lâmina" fria de circunstâncias que corta de leve pequeninos sonhos, é "seca" que fez desaparecer o hoje que amanhã será ontem, são "doces meninas de outrora" que apenas por um instante resplandeceram e depois baixaram as cabecinhas louras e envelheceram como as flores, é rápido encontro em um "banco do jardim" de que por muito tempo só restam as palavras de amor.

A morte sem a perspectiva da ressurreição é absurdo. Por isso em "predestinação" nos diz o poeta que a morte não é ela. A morte é mais do que ela mesma. Ela é muito além e sobretudo, já que a lei do Espírito de Vida nos libertou, em Jesus Cristo, da lei do pecado que é fonte de todas as mortes. Este anúncio pascal nos faz ver que "a hora" de capitular chegará, mas estamos firmes, que "o longo caminho" vai muito mais longe do que o rei imagina e que, "afinal", quando tudo ficou pronto para a festa, "um dia" eu vou me deitar em algum lugar e vou morrer de achar graça. "Os mortos têm uma saúde de ferro" pois a morte cura todos os nossos achaques e dela irromperá por certo uma alegria maior indestrutível. O poeta "não admite que esta hora seja de tristeza" e aceita que "a solução" de nossa vida seja a morte de nossa própria morte, pois daqui a cem anos todos os nossos problemas nos terão resolvido. Se o homem confiar apenas em outro homem e não se converter pela "metanóia" ao seu Deus que resplandece em toda parte, será "um cego conduzindo outro cego" e "cai todo mundo num buraco".

É pela conversão ao Senhor que o véu cai e então o homem pode ver o verdadeiro sentido da vida, já que é impossível enxergar antes de fixar o olhar na certeza da fé, pois do contrário, o homem, qual "saltimbanco", salta diante da morte que apenas fareja o significado, mas não vê o "dia da vitória" que virá por certo, parecendo enorme e inatingível. Somente depois desta adesão da fé, o Senhor nos libertará de todos os temores.

Liberto do medo, o homem se torna qual "passarinho" livre e feliz, embora a seriedade da aventura existencial exija que algumas vezes se torne

"carrancudo". Romântico e macambúzio, risca no céu a sua estrada efêmera e sem contornos certos e por ela, com a asa azulada de amor, desfecha o vôo de retorno em busca da "casa" construída sobre a rocha onde residirá para sempre durante o futuro simples. Porque é simples, o futuro não se desagrega nem se acaba, e nele "os mortos não complicam mais as coisas". Afinal de contas, a fé nos diz que até "a última esperança morre" mas tudo reviverá no amor eterno. A vida é barca, é dúvida, é dívida, mas também é dádiva. O homem sozinho no tempo é "tartaruga", mas na graça do Senhor é "passarinho". Se envolto no pecado, se arrasta, mas se liberto pelo Cristo voa.

Confiando no Senhor o homem vive o presente como presente, momento e dádiva, e poderá dizer de coração aberto: "agora vejo o que ri em cada aqui, agora vejo o que chora em cada agora". Esta experiência densa e profunda, radical e transcendental da existência inserida em Deus levará o homem a viver o amor em plenitude. Ele então se torna místico e poeta, reza e canta, cala e fala, porque percebe e vivencia "coisas que jamais serão tranqüilamente esquecidas". E o amor fraterno aparece e permanece, e a "felicidade" começa a chegar trazendo "num copo de cristal rebrilhante de sol um pouco de água límpida e pura, inesperadamente". E então, como o profeta Isaías, chega à convicção - "disso eu tenho certeza"- de que jamais o amor o abandonará, pois "estes belos instantes voltarão para sempre, voltarão agora". E então o mundo se torna "uma nesga de céu" que é um céu para quem sabe vislumbrar, e a tarefa mais "urgente" será salvar o amor, não deixando que ele permaneça enfermo no hospital dos homens. Enquanto vivermos peregrinando para o Absoluto, caminhamos à sombra das asas do Senhor, até que a tormenta passe.

Foram estas as impressões que me ficaram depois de ler e meditar *A palavra e a Palavra*, o novo livro do poeta místico Horácio Dídimo.

Parece-me que Dídimo escreveu seus poemas, ora cantando, ora rezando. E me parece também que é rezando e cantando que eles devem ser lidos. A grande mensagem que deixa é a beleza da vida quando vivida em comunhão de amor, com os homens e com Deus.

Para que este livro nos toque com a sua mensagem deliciosamente espiritual deverá ser lido seguindo as "instruções" que o próprio autor nos deixa: "Leiam alegria no movimento das páginas, leiam calor no pregão das palavras e leiam amizade na paz dos espaços em branco".